UFG - Universidade Federal de Goiás
FACE - Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas

Campus II - Samambaia - CEP: 74690-900 | Goiânia - Goiás - Brasil - Telefone: (62) 3521-1390

Mercado de Trabalho Goiano

Boletim para divulgação dos resultados de estudos realizados pelo LAM-FACE. É permitida a reprodução do conteúdo desta publicação, desde que citada a fonte.

Boletim n.02 – junho/2020

Responsáveis por esta edição: Sandro Monsueto[a], Jaqueline Moraes[b] e Felipe Pureza[c]

Neste segundo boletim sobre o mercado de trabalho, o Laboratório de Análise de Microdados (LAM/FACE) discute alguns dos efeitos da recente pandemia sobre a mão de obra na Região Metropolitana de Goiânia e no país. Apesar dos dados ainda não permitirem uma real dimensão dos impactos, alguns indicadores já podem ser usados, como a taxa de participação no mercado de trabalho. A qualidade do mercado de trabalho parece ser um importante amortecedor destes efeitos e pode indicar os caminhos para a recuperação econômica.

Mais uma vez, apresentamos análises realizadas sobre as bases nacionais de dados, com tratamentos específicos para buscar informações que as tabelas agregadas sozinhas não permitem ver. As análises são feitas pela equipe de pesquisadores do LAM com base nas estatísticas oficiais de microdados, principalmente Pnad Contínua[1] e CAGED[2]. São realizadas abordagens rápidas, mais simples e objetivas, adaptando os termos acadêmicos para uma linguagem mais informativa e leve.

1 Evolução da Qualidade do Mercado de Trabalho - IQT

Ainda é cedo para dizer ao certo quais as consequências da pandemia de COVID-19 sobre cada mercado de trabalho regional. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), principal fonte de informações detalhadas sobre nosso mercado de trabalho, é calculada de forma trimestral e o país começou a sofrer os primeiros impactos significativos apenas em março, o último mês do primeiro trimestre. Contudo, já podemos perceber uma retração da qualidade média do mercado de trabalho nacional e da Região Metropolitana de Goiânia, sendo que esta última já vem de uma trajetória de queda, como mostra a Figura 1. O Índice de Qualidade do Mercado de Trabalho (IQT), calculado pelo LAM, pode ser entendido como uma medida sintética da saúde geral dos mercados regionais. Quanto melhor a saúde, maior a capacidade de gerar postos de trabalho que proporcionem melhor produtividade e qualidade de vida para trabalhadores e sociedade como um todo[3].

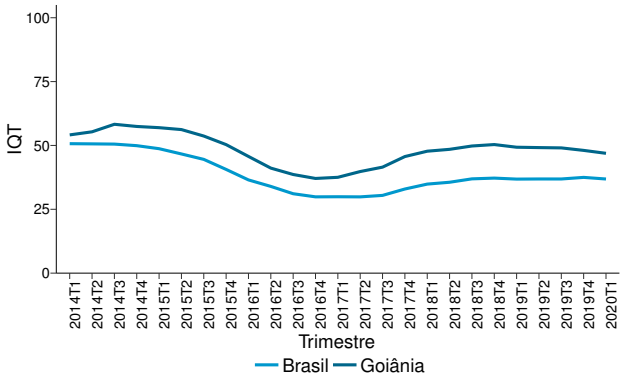

Fig. 1 Índice de Qualidade do Mercado de Trabalho (IQT) – Brasil e R.M. de Goiânia – *Fonte: LAM/FACE/UFG*.

Os efeitos mais intensos da pandemia devem ser notados apenas com os dados do segundo trimestre (abril, maio e junho), que está sendo todo dentro do ciclo do novo vírus. Provavelmente iremos observar problemas mais significativos no emprego, como aumentos nas demissões motivadas por quebras de empresas, queda na renda do trabalho e na arrecadação. É claro que estas não são boas notícias, mas é importante ter a real dimensão do problema para, tal como uma vacina ou tratamento, ajudar na busca de ações políticas e empresariais efetivamente adequadas. A implementação de políticas sem o devido conhecimento das variáveis e relações do mercado de trabalho pode, ao invés de amenizar os problemas gerados pela emergência sanitária, agravar ainda mais a situação.

Em relação ao mesmo período do ano passado, houve uma redução da qualidade média do mercado de trabalho goiano. Po-

[a] *Professor PPGECON/FACE/UFG - monsueto@ufg.br*
[b] *Professora PUC/Campinas - jaquelinemagouveia@gmail.com*
[c] *Mestrando PPGECON/FACE/UFG - felppureza@gmail.com*

1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, obtida pelo IBGE.

2 Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Registra os movimentos de contratação e finalização de contratos formais de trabalho.

3 Os dados sobre emprego formal do CAGED sofreram algumas alterações metodológicas e o departamento responsável ainda não divulgou os microdados necessários para o cálculo completo do IQT. Apenas os dados mais gerais de admitidos e desligados estão disponíveis até essa data. Desta forma, foram realizadas algumas adaptações para se obter uma prévia do indicador, considerando constantes a taxa de demitidos sem justa causa e a proporção de admitidos em primeiro emprego.

rém, em comparação com as demais, nossa região manteve sua colocação no ranking de qualidade, com o quinto maior valor. A região de Cuiabá, outra representante do Centro-Oeste analisada pelo indicador, por outro lado, caiu da quarta para a sétima colocação. As regiões metropolitanas do Sul e do Sudeste seguem sendo as líderes desta classificação. O mapa na Figura 2 faz um comparativo entre as regiões metropolitanas cobertas pelo IQT no primeiro trimestre deste ano.

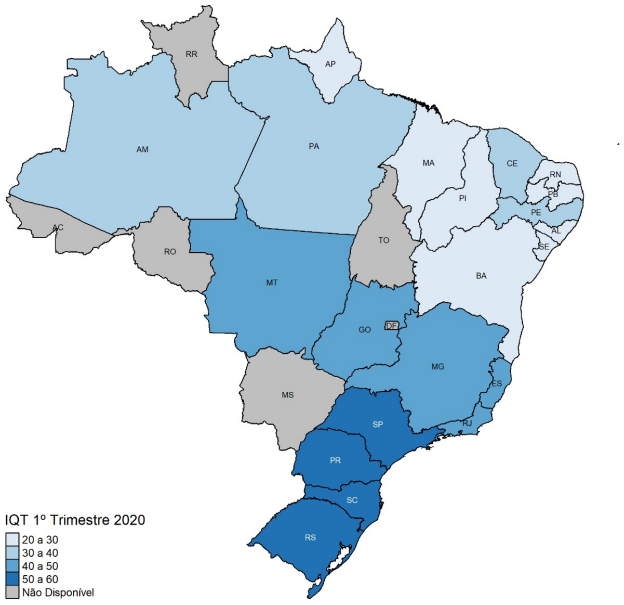

Fig. 2 IQT entre as Regiões Metropolitanas – 2020T1 – *Fonte: LAM/FACE/UFG.*

Bons empregos significam, em geral, maior produtividade e mais benefícios para toda a sociedade. A qualidade dos empregos gerados deve ser uma questão importante no desenho de políticas públicas e pode funcionar como um suavizador dos efeitos de crises econômicas. Uma evidência desta relação pode ser representada com a ajuda da Figura 3, que mostra a variação da taxa de desocupação entre o último trimestre de 2019 e o primeiro trimestre deste ano, junto com o valor médio do IQT de 2019 para as regiões metropolitanas consideradas. O que se percebe é uma relação negativa entre os dois e que a desocupação aumentou menos naquelas regiões com maior qualidade média, mostrando que a saúde geral do mercado de trabalho é um potencial amortecedor dos impactos que a pandemia de COVID-19 pode gerar.

2 Movimentação do Emprego - Fluxograma

Quem são as pessoas que estão no mercado de trabalho? Como são calculadas as taxas de desocupação ou de participação? Para tornar esses conceitos mais claros, vamos usar o fluxograma do

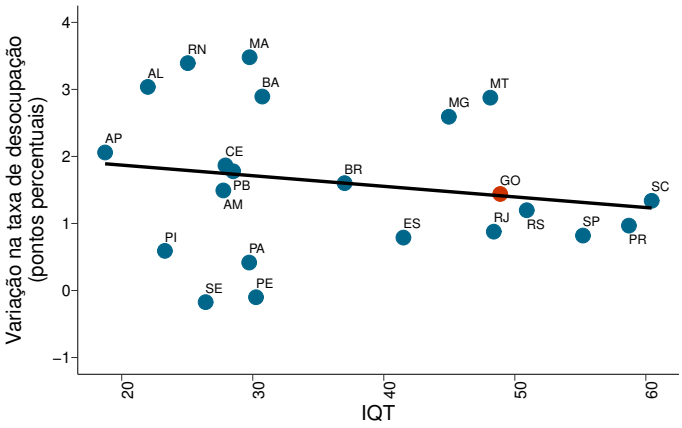

Fig. 3 Qualidade média e variação na taxa de desocupação para 2020T1 – *Fonte: LAM/FACE/UFG.*

mercado de trabalho do IBGE, que mostra onde cada parcela da população está inserida, e preencher com informações para a Região Metropolitana de Goiânia, montando a Figura 4.

Da população total de um país, estado ou região temos uma subdivisão entre a parte que está em idade de trabalhar (14 anos ou mais) e as pessoas que não se encontram nesta faixa etária (menores de 14 anos). A força de trabalho, ou seja, os que efetivamente compõem nosso mercado de trabalho, é composta pela população em idade de trabalhar que se encontra de fato empregada ou buscando um posto de trabalho. Na região de Goiânia, essa força de trabalho representa cerca de 64,23% da população de 14 anos ou mais. A taxa de desocupação, ou taxa de desemprego, é obtida pela proporção dos indivíduos que estão procurando emprego dentro da força de trabalho (7,24%, para o caso goiano).

Entre aqueles ocupados, existem pessoas que gostariam e que estão dispostas a trabalhar mais horas por semana. Para essas pessoas, ter um emprego com uma jornada semanal maior poderia significar uma renda mensal também mais elevada. Desta forma, elas são conhecidas pelo nome de *subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas* e, ainda que estejam vinculados a uma ocupação, são também consideradas uma forma oculta de desemprego.

A parcela da população que está fora da força de trabalho se divide em força potencial e não potencial. Desta força de trabalho potencial derivam dois conceitos: *desalentados* e *não desalentados*. O desalento se refere àquele indivíduo que acabou optando por desistir de procurar emprego, o que pode sinalizar um enxugamento de postos de trabalho, diminuindo significativamente as chances de encontrar uma ocupação. Esta força potencial, formada por indivíduos que teriam potencial de estar na força de trabalho, ajuda a formar, conjuntamente aos subocupados, o conceito geral de formas ocultas de desemprego. O uso desse con-

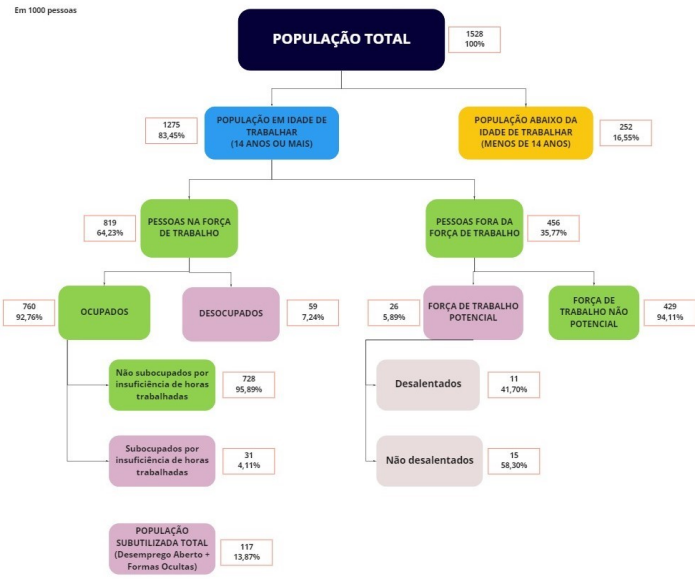

Fig. 4 Estrutura do mercado de trabalho – R.M. de Goiânia em 2020T1 – *Fonte: PNADC/IBGE*.

ceito associado ao de desemprego aberto (trabalhadores que estão na força de trabalho, mas estão desocupados) forma o que se conhece por população subutilizada total.

O município de Goiânia, na comparação deste semestre com o seu equivalente em 2019, teve o percentual de trabalhadores na força de trabalho reduzido de 64,78% para 64,23%, com aumento da população fora da força de trabalho de 35,22% para 35,77% e aumento da taxa de desemprego de 7,20% para 7,24%. O aumento do desemprego se deu pela diminuição da população ocupada (92,80% para 92,76%), o que parece uma constatação óbvia. Mas a real preocupação é que esse crescimento se deu pela diminuição dos ocupados juntamente com o aumento da parcela que migra para fora da força de trabalho. Logo, esse aumento, ainda que tímido, pode ser visto com inquietação, já que aumenta o número de trabalhadores sem ocupação e o número de pessoas que desistem, entrando no desalento.

Inclusive, estatísticas de subutilização nesse primeiro trimestre de 2020 já podem estar vinculadas a efeitos prematuros da pandemia que estamos vivendo. De toda população ocupada no município de Goiânia, 4,11% estão subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas (3,26% em 2019). O desalento na cidade subiu de 9 mil trabalhadores no primeiro trimestre de 2019 para mais de 11 mil trabalhadores nesse trimestre de 2020. Mais de 117 mil trabalhadores compõem a medida de subutilização total, o que representa uma taxa de 13,87%, significativamente maior se compararmos com o mesmo trimestre de 2019, 11,14%. A tendência é de que estatísticas como essa se aprofundem nos próximos trimestres, fato que já vem acontecendo no Brasil como um todo.

A tendência nacional mais recente pode ser melhor observada pela pesquisa especial PNAD COVID, também implementada pelo IBGE especificamente para captar os efeitos deste período. Os dados divulgados sobre o mercado de trabalho já elucidam melhor os efeitos da pandemia sobre os trabalhadores de todo o Brasil, uma vez que consideram as quatro semanas do período de 03 a 30 de maio. No comparativo da primeira com a última semana, os principais reflexos da crise sanitária e econômica estão no desemprego, que no início do mês atingia um contingente de quase 10 milhões de brasileiros evoluindo para quase 11 milhões. O salto de mais de 1 milhão de desempregados a mais no país trouxe a taxa de 10,5% no início do mês para 11,4% no final do mesmo mês. Foi possível notar uma manutenção da população ocupada, com um aumento de pessoas na força de trabalho concomitantemente à queda da parcela fora da força de trabalho. Ou seja, mais pessoas estão na força de trabalho e, com ocupações constantes, não encontram emprego, se tornando desempregadas. Intensificando isso, temos também a queda da taxa de informalidade das pessoas ocupadas (35,7% para 34,5%), o que sinaliza que nem mesmo ocupações informais, colchão absorvente em tempos de crise, estão dando conta de abranger à essa parcela da população.

3 Participação no Mercado de Trabalho

A seção anterior mostra uma redução na taxa de participação no mercado de trabalho. Ou seja, uma porcentagem menor da população em idade ativa está ocupada ou procurando emprego. Mas essa participação não é homogênea entre todos os grupos da população. Considerando apenas as pessoas com idade entre 18 e 65 anos, a taxa de participação no mercado de trabalho é de 84,4% entre os homens e de 67,7% para as mulheres nas regiões metropolitanas do Brasil. Na Região de Goiânia, essas taxas são de 86,7% e 68,9% respectivamente.

Uma forma de investigar os determinantes dessa diferença é por meio de um modelo estatístico, ou econométrico. A Tabela 1 mostra a estimativa de um modelo relativamente simples para determinar a probabilidade de participação no mercado de trabalho, em função de algumas características de cada indivíduo [4]. Os resultados são apresentados divididos entre homens e mulheres, para o total das regiões metropolitanas e para o caso goiano. Os sinais e os valores apresentados, chamados de *efeitos marginais*, mostram o impacto de cada variável na probabilidade de se encontrar participando do mercado de trabalho. Por exemplo, quanto mais anos de estudo o indivíduo possuir, maior a pro-

4 Este é um modelo do tipo *probit*, uma regressão da classe de modelos de escolha binária.

babilidade de que ele esteja ou trabalhando ou procurando um emprego. A comparação entre as colunas mostra que as características individuais possuem impactos distintos sobre cada grupo demográfico. Chama a atenção o caso da variável que capta a presença de crianças menores de 10 anos de idade no domicílio. Enquanto entre os homens, a presença de uma criança parece motivar a entrada no mercado de trabalho, entre as mulheres ocorre justamente o oposto, principalmente quando se olha para o resultado da Região Metropolitana de Goiânia. Isso mostra um maior desafio para as mulheres nestes momentos de pandemia, indicando que a volta ao mercado de trabalho será especialmente mais duro para elas.

Tabela 1 Probabilidade de participar do mercado de trabalho - 2020T1

	(BR) Homens	(BR) Mulheres	(GO) Homens	(GO) Mulheres
Cor/Raça	-0,011**	-0,017**	-0,049**	0,053**
	(0,01)	(0,01)	(0,02)	(0,02)
Idade	0,032*	0,044*	0,029*	0,042*
	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,01)
Idade ao Quadrado	-0,000*	-0,001*	-0,000*	-0,001*
	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Anos de Estudo	0,013*	0,026*	0,009*	0,017*
	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Frequenta a Escola	-0,149*	-0,067*	-0,141*	-0,034
	(0,01)	(0,01)	(0,04)	(0,04)
Menores de Idade	0,052*	-0,082*	0,005	-0,099*
	(0,00)	(0,01)	(0,03)	(0,03)
Pseudo R^2	0,1076	0,0851	0,1455	0,1061
Número de obs.	46515	53212	1993	2238
χ^2	107,89	175,85	2572,94	2864,06
Prob>χ^2	0,00	0,00	0,00	0,00

Erros padrão entre parênteses. *** p<0.10, ** p<0.05, * p<0.01

Fonte: Elaboração própria sobre dados da Pnad Contínua

Expediente

Boletim Mercado de Trabalho Goiano

Apoio financeiro Cnpq - Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018 – processo 429917/2018-0.

Laboratório de Análise de Microdados da FACE/UFG – LAM
Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas – FACE

Universidade Federal de Goiás – UFG
Campus II - Samambaia - CEP 74690-900
Goiânia - Goiás - Brasil.
Fone: +55 62 3521 1390
lam.face.ufg.br

Softwares usados nessa edição:

Editor de texto: TeXstudio

Pacotes estatísticos: Stata (tratamento/análises) – R (gráficos)

Bases de dados usadas:

PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - IBGE

PNAD-COVID – Pesquisa experimental criada para monitorar os efeitos da pandemia - IBGE

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - PDET

Ficou com alguma dúvida? Tem alguma pergunta sobre mercado de trabalho? Mande sua pergunta para nosso e-mail (lam.face@ufg.br) e ela pode ser respondida nas próximas edições do Boletim.